



# REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

**V. 13 - 2023**

---

O Flâner Em Limeira: A Busca Pela Experiência Urbana

DA COSTA, Nicolas Vieira; MARTINS, Mayara Sebinelli

p.05-21

DOI: [10.5216/teri.v13i1.74771](https://doi.org/10.5216/teri.v13i1.74771)

---

---

# O FLÂNER EM LIMEIRA: A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA URBANA

## FLÂNER IN LIMEIRA: THE SEARCH FOR THE URBAN EXPERIENCE

### FLÂNER EN LIMEIRA: LA BUSCA DE LA EXPERIENCIA URBANA

Nícolas Vieira da COSTA<sup>1</sup>  
Mayara Sebinelli MARTINS<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente ensaio tem por objetivo a busca pela experiência urbana em Limeira (SP), em um diálogo estreito com a obra de Eduardo Marandola Jr., que se questiona sobre sua ainda possibilidade – ou não. Essa procura se deu através do flâner, prática realizada por homens durante o século XIX e que consistia em andar pelas cidades, observar as pessoas e escrever sobre suas observações. A inspiração para a proposta veio do livro “Flâneuse”, de Lauren Elkin, que subverte a ideia de que o flâner seria uma experiência exclusiva dos homens e convida as mulheres a caminharem, resgatando a memória daquelas que já o fizeram durante os últimos séculos. Os autores buscaram também compreender suas situationalidades, como sexualidades, gêneros e formas de agir e mover pela cidade, por meio do diálogo com Ángel Rama, Vladimir Safatle, Michel Foucault, Judith Butler e Jamille Lima, e como elas afetam ou moldam a experiência urbana para eles. Optou-se também pela busca do próprio escrever como experiência, utilizando a narrativa como escolha estética para que os aspectos do fenômeno urbano, presentes no caminhar, pudessem se desvelar ao longo da narrativa, despertando sensações nos leitores. O resultado obtido foi um texto de aspecto literário, onde ambos os autores relataram suas experiências, receios e indagações ao andar por Limeira.

**Palavras-chave:** flâneuse; corporeidade; situationalidade; escrita fenomenológica

#### Abstract

This essay's objective is the search for the urban experience in Limeira (São Paulo, Brazil), in a close dialogue with the work of Eduardo Marandola Jr., who questions whether it is still possible – or not. This search took place through flâner, a practice carried out by men during the 19th century which consisted of walking through cities, observing people and writing about their observations. The inspiration for the proposal came from the book “Flâneuse”, by Lauren Elkin, which subverts the idea that the flâner would be an exclusive experience for men and invites women to walk, rescuing the memory of those who have already built it over the last centuries. The authors also sought to understand their situationalities, such as sexualities, genders and ways of acting and moving around the city, in dialogue with Ángel Rama, Vladimir Safatle, Michel Foucault, Judith Butler and Jamille Lima, and how they changed or shaped the urban experience to them. We also searched for the writing itself as an experience, using the narrative as an aesthetic choice so that aspects of the urban phenomenon, present in the walk, could unfold throughout the narrative, awakening feelings in the readers. The result was a text with a literary aspect, where both authors reported their experiences, fears and questions while walking in Limeira.

**Keywords:** flâneuse; corporeality; situationality; phenomenological writing

#### Resumen

Este ensayo tiene como objetivo la busca por la experiencia urbana en Limeira (São Paulo, Brasil), en un estrecho diálogo con la obra de Eduardo Marandola Júnior, que se cuestiona si todavía ella es posible – o no. Esta búsqueda se concretizó a través del flâner, que es una práctica realizada por hombres durante el siglo XIX, que consistía en caminar por las ciudades, observar las personas y escribir sus observaciones. La inspiración para la propuesta vino del libro “Flâneuse”, de Lauren Elkin, que subvierte la idea de que el flâner sería una experiencia exclusiva de los hombres e invita a caminar las mujeres, rescatando la memoria de aquellas que no lo hicieron en los últimos siglos. Los autores buscaron también comprender sus situationalidades, como sexualidades, géneros y maneras de actuar y moverse por la ciudad, a través del diálogo con Ángel Rama, Vladimir Safatle, Michel Foucault, Judith Butler y Jamille Lima, y como esas afectan o moldean la experiencia urbana para ellos. Además, optamos por la búsqueda del acto de escribir como experiencia, utilizando la narrativa como opción estética para los aspectos del fenómeno urbano, presentes en el caminar, pudieran se desvelar a lo largo de la narrativa, despertando sensaciones en los lectores. El resultado obtenido fué un texto de aspecto literario, donde ambos los autores relataran sus experiencias, temores y indagaciones mientras caminaban por Limeira.

**Palabras-clave:** flâneuse; corporeidad; situationalidad; escrita fenomenológica.

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Estadual de Campinas,

2 Mestranda Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela UNICAMP. Possui graduação em Arquitetura, Paisagismo e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2019). Suas áreas de interesse incluem estudos de gênero e teoria queer, experiência urbana, planejamento urbano, fenomenologia e epistemologia e corporeidade na arquitetura e urbanismo. É pesquisadora do NOMEAR (Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia), participando do grupo de estudo "gênero e fenomenologia", e é também integrante do LAGERR - Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência" (FCA/Unicamp)

## O DESEJO DE MAPEAR COM OS PÉS

Lauren Elkin é uma autora e tradutora estadunidense radicada na França. É formada em Inglês e deu aula de literatura e escrita criativa por muitos anos. Em 2016, lançou seu livro “Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres”. Nessa obra, a autora sai em busca das figuras femininas que ocupam e ocuparam as cidades pelas quais ela mesma caminha, pensando sobre quem seriam essas flâneuses, termo que ela cria a partir da extrapolação da figura do flâneur.

O termo flâneur tem origem na palavra flâner, verbo em francês que significa o ato de passear, andar a esmo e sem rumo. Os flâneurs seriam aqueles homens que andavam pelas ruas de Paris do século XIX, observando o movimento das pessoas, os objetos que compunham a paisagem e através disso realizavam registros em anotações, ou seja,

o flâneur adotou a forma do ‘Monsieur Bonhomme’, um homem sociável e mundano, com posses suficientes para ter tempo de vadiar à vontade, permanecer nos cafés, observar os vários moradores da cidade enquanto trabalham e divertem-se (ELKIN, 2022, p. 20).

Essa figura, imortalizada em Baudelaire, cuja obra se centra justamente no observar a cidade em meio ao flânerie (substantivo que vem do verbo flâner, significando o ato de caminhar pela cidade), volta como alicerce para o pensamento de Benjamin (2017) sobre a modernidade. Como bem apontado por Biondillo

Benjamin, ao que nos indicam suas análises, tinha outro propósito para o flâneur, qual seja: o de mostrar como, com as mudanças perceptivas proporcionadas pelas novas formações sociais deflagradas a partir dos meios de produção, revela-se a crise da experiência tradicional, pois esta vai dando lugar à vivência do choque (BIONDILLO, 2014, p. 8).

Elkin defende que a flâneuse não seja apenas a versão feminina do flâneur, se definindo a partir dele, mas que encontre sua própria definição, já que as mulheres teriam sua própria forma de interagir com a cidade e que não pode ser reduzido pelo modo como os homens o fazem. Existe uma contradição, de saída, em tentar definir a flâneuse pelo flâneur, que é o fato de que o homem consegue se misturar e se apagar na multidão, enquanto as mulheres sempre são chamativas, o corpo diferente, aquilo que há para ser visto na rua. Além disso, para ela, não necessariamente a flâneuse é uma mulher de posses que vadia à vontade pela cidade, mas, pelo contrário, são as mulheres que caminham pela cidade muitas vezes porque trabalham e que “talvez pegue ônibus ou trem quando está cansada. Mas, em geral, vai a pé” (ELKIN, 2022, p. 33). Essa seria a epifania bastante revolucionária da autora, já que clama pela evidenciação dessa figura feminina que ocupa os espaços urbanos mesmo quando não deveria estar lá e dá um nome a ela, igualando-a, em suas diferenças, àquela famosa figura literária moderna.

O chamado da autora para que outros corpos que não aquele masculino do século XIX – do flâneur – ocupem as ruas, nos inspira a nos apropriarmos do espaço à nossa volta como uma forma de resistência. Afinal, como ela mesma pontua:

[...] a flâneuse não é simplesmente um flâneur feminino, mas uma figura de direito próprio, a ser considerada em si e a servir de inspiração. Ela viaja e vai aonde não deveria ir; nos força a encarar as várias formas com que palavras como lar e pertença são usadas contra as mulheres. É uma pessoa decidida, de iniciativa, finamente sintonizada com o potencial criativo da cidade e as possibilidades libertadoras de uma boa caminhada (ELKIN, 2022, p. 34).

E foi a partir desse chamado de Elkin que surge a inspiração para andar pela cidade. Para a autora,

Andar é mapear com os pés. Ajuda-nos a unir as peças de uma cidade, conectando bairros que, de outro modo, ficariam como entidades avulsas, planetas diferentes ligados entre si, sustentando-se embora distantes. [...] Andar ajuda a me sentir em casa. Há um leve prazer em ver como vim a conhecer bem a cidade com minhas andanças a pé [...] (ELKIN, 2022, p. 32, destaques acrescentados).

Esse caminhar começa com nossa própria história, nos conhecendo por puro acaso acadêmico. Da mesma universidade e morando na mesma cidade, mas fazendo mestrado em campi diferentes, provavelmente nunca teríamos nos conhecido. A vida armou nosso encontro através de atividades do LAGERR (Laboratório De Geografia Dos Riscos E Resiliência), em Limeira (SP), do qual nossos orientadores fazem parte, e daí floresceu aquele tipo de conexão imediata. Quando decidimos escrever esse artigo, nada fazia mais sentido do que sair para conhecer essa cidade – tão misteriosa para nós – com nossos pés. Afinal, já fazia mais de oito meses que a frequentávamos, mas raramente havíamos saído do campus e, por isso, não conhecíamos o restante da cidade.

Queríamos andar para poder nos apropriar da cidade, nos sentirmos em casa, criar vínculos. Queríamos saber se a cidade acolheria nossos corpos, com todas as suas diferenças. Estávamos buscando a experiência urbana limeirense. E andar traria uma apreensão única e profunda da cidade, daquilo que só se vê quando caminha.

Optamos por fazer o artigo escolhendo uma forma de escrita mais narrativa, pois, ao nos desprender da rigidez dos textos acadêmicos, que pedem a neutralidade e a objetividade, e utilizar essa estética, podemos melhor desvelar os fenômenos que nos atravessaram durante o campo da forma como os sentimos pelo percurso (na medida em que é possível transpor em palavras) e, assim, os evidenciar através de nossas experiências-vividas, borrando as relações entre textos acadêmicos e literários.

Aqui, estamos dialogando com Eduardo Marandola Jr., que discute: “1. A necessidade de incorporar o fazer fenomenológico à nossa escrita; 2. A necessidade de um pensar-sentindo.” (MARANDOLA JR., 2016, p. 141). Ele questiona sobre a possibilidade de trazer a experiência para o texto sem a degenerar na tentativa de a transformar em dados objetivos:

Antes, a escrita teria de ser uma artesanania que, como algo vivo e pulsante, permitisse, ela própria, uma experiência. [...] Isso é fundamental para a construção de um outro caminho ao posto pela ciência moderna. [...] de um outro pensar, que não é ação racional apenas, mas se dá na proximidade do Dasein. Este se remeteria à ideia de um pensar ligado à intuição das essências e, sobretudo, à tarefa de deixar o Ser revelar-se [...] (MARANDOLA JR., 2016, p. 141).

Quando fomos escrever sobre nossa experiência, quisemos trazer a reinvocação para o texto, conforme nos explicita Marandola Jr. (2016). Queríamos que nossa narrativa sobre aquilo que passamos pudesse reinvocar nos leitores sensações que eles mesmo possam ter experienciado em suas vidas ao caminhar e descobrir lugares novos, a euforia da descoberta, o encantamento com os detalhes. “O fundo de onde estes sentidos estão sendo reinvocados não é outro senão da própria experiência de mundo, pessoal e compartilhada, e por isso fábulas ou acontecimentos históricos também são potentes em reinvocações” (MARANDOLA JR., 2016, p. 143).

Advogamos aqui para que nossa situacionalidade como pesquisadores transpareça, num movimento de repensar as relações fundantes da ciência moderna, que apareça como crítica à própria colonialidade (LIMA, 2020; MESSEDER, 2020). Entendemos que

Uma escrita ética, portanto, é aquela que rasga a si, promove o traumatismo egológico, situa o pesquisador sem protegê-lo de suas incoerências ou de seus próprios preconceitos. Uma escrita ética leva em consideração de forma radical a alteridade do Outro que me constituiu, dando vazão à sua docência, sem ensimesmar-se ou vetar o sem-sentido (LIMA, 2020, p. 179).

A ideia do caminhar, em seu embrião, visava também discutir como seria para duas pessoas LGBTQIA+ o caminhar por uma cidade desconhecida por nós. Quais seriam os desafios que enfrentaríamos em nossa situacionalidade – se é que existiriam?

Pensamos, inicialmente, em partir da rodoviária de Limeira e sair andando a esmo pelo centro da cidade. Mas acabamos modificando esse plano e saímos do próprio campus em busca do centro. Essa missão não era – e de fato não se deu – como algo imutável. Era apenas uma missão motivadora que poderia se modificar ao longo da caminhada.

Diante de tais inspirações e questionamentos sobre o andar e o situar dos corpos, esse texto é um exercício de busca por uma escrita fenomenológica que tem como objetivo transparecer o que é a experiência urbana em uma cidade média do interior paulista, e discutir como ela se dá para corpos situados em seu gênero, forma e sexualidade.

## ***QUANDO CAMINHAMOS***

Nosso campo foi realizado no dia 10 de novembro de 2022. Fazia menos de duas semanas que o segundo turno das eleições havia dado a vitória ao presidente Luís Inácio Lula da Silva do PT (Partido dos Trabalhadores). Limeira, já sabíamos, é uma cidade em que Jair Bolsonaro teve mais de 70% dos votos válidos (G1, 2022). O resultado acarretou diversas paralisações e protestos pelo país, e a cidade havia sido um dos focos desse movimento (REDAÇÃO, 2022).

M: As decisões sobre como seria esse campo começaram horas antes do momento em que resolvemos sair da Unicamp. Ao acordar, às 5h30 da manhã, precisei me fazer a seguinte pergunta: com que roupa eu vou? Sei que parece uma escolha simples e que não deveria gerar grandes crises, mas havia um contexto para que essa questão se colocasse sobre mim com um peso imenso. Abri o guarda-roupa e encarei tudo que tinha. No geral, não sou uma pessoa de roupas coloridas, mas queria estar especialmente discreta nesse dia: estava de branco e preto da cabeça aos pés. Não usar roupas nem remotamente vermelhas era uma questão de sobrevivência e não apenas de se misturar à multidão por conta do flâner.

N: A escolha das minhas roupas também foi um fator importante para eu decidir, não queria me remeter à cor vermelha, assim como M também não, portanto decidi que deveria ir com uma camiseta da cor roxa e sem estampas, de forma que também evitei ir com uma bermuda extremamente curta, apesar da alta temperatura que fazia naquele dia.

Havíamos visto também que faria de 30 °C – 33 °C para ser mais exatos, com uma sensação térmica de aproximadamente “fogo do inferno” – o que também afetava a nossa forma de se vestir.

M: Vestir-me de branco poderia ajudar com esse clima também; toda ajuda nesse departamento seria bem-vinda. Isso acabou gerando uma segunda escolha: já que usaria camiseta branca para andar por Limeira, uma cidade dedutivamente misógina – vide a expressiva votação em alguém que destila todo seu ódio às mulheres cotidianamente – seria impossível me sentir confortável, como mulher, andando sem usar sutiã. Essa é uma escolha que raramente faço porque acho o item muito desconfortável, mas

senti que o utilizar teria relação direta com minha própria segurança, como se aquela fina camada de tecido pudesse se transformar em um escudo me protegendo do assédio. Além de tudo isso, fui de calça. Sim, sabia que passaria muito calor, mas é preciso situar minha escolha. Não era apenas algo relacionado ao medo do assédio. Minhas coxas sempre raspam uma na outra e me deixam com assaduras terríveis, que doem por dias. Existe um produto que passo quando quero andar de shorts ou saia, mas ele precisa ser reaplicado durante o dia. Não queria ter que abrir minhas pernas no meio da rua, em Limeira, para passar o produto entre as coxas. Optei pelo desconforto – novamente. É viável ser flâneuse com o corpo fora do padrão? É realmente curioso como essas opressões modificam nossa forma de nos relacionar com o mundo.

N: Meu primeiro medo era reflexo não apenas da possibilidade de algum tipo de agressão (verbal e física) caso fosse com algo que remetesse às eleições, mas, também, à minha sexualidade, como um homem gay, eu não me sentia completamente confortável em andar com qualquer adereço que evidenciasse esse fato, uma opressão infligida pelo meu próprio psicológico, visto que não necessariamente poderiam ocorrer agressões. Contudo, a decisão de utilizar roupas mais neutras para a caminhada teve como fator decisivo a possibilidade de andar de forma invisível pelas ruas, tal qual faziam os flâneurs no século XIX.

Antes mesmo de chegar à cidade pela qual “flâneríamos”, nossa experiência já estava marcada por nossas corporeidades, por sermos quem somos onde somos. Judith Butler (2019), ao se questionar sobre quem seria considerado humano e, portanto, passível de luto, escreve:

[...] e existe também o fato de que mulheres e minorias, incluindo minorias sexuais, são, como comunidade, sujeitas à violência, expostas à sua possibilidade, se não à sua concretização. Isso significa que somos constituídos politicamente em parte pela vulnerabilidade social dos nossos corpos – como um local de desejo e de vulnerabilidade física, como um local de exposição pública ao mesmo tempo assertivo e desprotegido. A perda e a vulnerabilidade parecem se originar do fato de sermos corpos socialmente constituídos, apegados a outros, correndo o risco de perder tais ligações, expostos a outros, correndo o risco de violência por causa de tal exposição (BUTLER, 2019, p. 26).

Isso parece revelar que o se perder na multidão da cidade é privilégio de alguns corpos, daqueles considerados humanos, considerados vida (BUTLER, 2019). Como comenta Elkin (2022), o flâner de outros corpos (para ela, especificamente, o de mulheres) não é caracterizado por sua dissolução na multidão, mas, justamente, por estar ali apesar de sua visibilidade, como o diferente. Esse é o ato transgressor, o andar por onde não deveríamos. Estarmos expostos à vulnerabilidade e continuar.

Fomos para Limeira. Chegando lá, tomamos café da manhã e, depois de alguns compromissos, encontramos nosso amigo T e o Professor EM Com eles, discutimos sobre a logística de realização do campo.

N: A opinião que foi decisiva para a escolha do início do trajeto se baseou no Professor EM que disse para irmos até o centro caminhando com o início na Unicamp e não o contrário.

M: T, como bom mineiro, disse que era “um pulinho”, mas todas as distâncias são “um pulinho” em mineirês, não é? Ficamos mais tranquilos quando EM confirmou que era possível ir a pé.

N: Já o Professor quando questionado para qual lado deveríamos seguir e de apontarmos para sentidos em nosso eixo, disse: “esse lado vai para Santa Bárbara, esse para Cordeirópolis”, nos deixando a esmo para que pudéssemos seguir o caminho às cegas, enquanto ria da nossa ingenuidade.

Relacionamos as falas de T e do Professor EM com o texto A arca-originária Terra não se move de Husserl (2022). Neste, o autor expõe que é através “dos relatos dos outros, de suas descrições e constatações” (HUSSERL, 2022, p. 390) que criamos uma representação universal das coisas, ou seja, foi através das percepções de T e EM que decidimos iniciar nosso campo pela Unicamp e não pela rodoviária, como o planejado anteriormente. Foi também por eles que criamos um pré-conceito sobre como seria o estar nessa cidade e sobre sua organização espacial: a Unicamp era próxima ao centro, a cidade era caminhável.

Essas visões deles sobre a cidade – quanto à distância, por exemplo – são, conforme explica Husserl, fragmentadas, pois “[...] toda comprovação tem seu ponto de partida subjetivo e fundamento último de ancoragem no eu que comprova” (HUSSERL, 2022, p. 394). Isso significa também que nossas visões não seriam meras reproduções das visões deles sobre a cidade de Limeira e, tampouco, seriam iguais entre nós. Mesmo estando juntos durante a experiência de caminhar pela cidade, nossas visões sobre ela seriam diferentes, já que nossa percepção é formada de elementos tanto objetivos (o caminhar pelo mesmo solo) quanto subjetivos (a ancoragem no eu que comprova). Isso transparece na própria narrativa trazida para o texto, já que, em uma mesma situação, percebemos, notamos e somos afetados por aspectos distintos e narramos isso de formas diferentes.

Logo após o almoço, saímos.

N: Ao sairmos da FCA, seguimos reto pela rua que conhecíamos, uma das estratégias era andarmos sem nos atentarmos às placas de trânsito.

M: Sim, começamos nossa caminhada sem rumo. Seguimos por essa rua porque passava em frente a um bar/restaurante em que já almoçamos algumas vezes, e isso nos dava mais segurança.

N: Minha primeira percepção foi a enorme quantidade de bandeiras brasileiras nas casas, estabelecimentos e carros que encontramos, fiquei receoso de falar em voz alta para M a respeito disso, contudo mencionei: “como essa galera é patriota, né?”. Penso na possibilidade de que esse número expressivo de bandeiras pelo caminho era um reflexo da Copa do Mundo de Futebol que estava prestes a ter início no Catar, mas sabemos que essa era uma ínfima possibilidade. Acredito que nos resta apenas a resignificação do símbolo que ficou manchado com o bolsonarismo e seu ódio.

M: Começamos, a partir do comentário de N, a conversar alto sobre nosso medo de vestir roupas ou acessórios vermelhos pela manhã que poderiam remeter ao PT ou à esquerda. Passamos por uma senhora na calçada enquanto falávamos disso. Senti a necessidade instantânea de abaixar a voz para tocar no nome de Lula. Já comecei a imaginar e narrar para o N uma cena digna de um filme de Tarantino, em que a senhora abriria sua sacola de compras de mercado e tiraria uma metralhadora para nos matar por falar bem do Lula e mal do Bolsonaro. Há alguns anos essa cena poderia parecer improvável, mas o aumento expressivo da violência política por volta do período das eleições e o acesso muito facilitado às armas durante o governo Bolsonaro tornaram a cena menos dalínesca e mais palpável. Seguimos reto por essa rua até encontrar uma placa, depois do mercado que vende ótimos pães de queijo, mostrando que o centro ficava à esquerda.

Ao conversarmos sobre nosso receio com as possíveis violências, lembramos dos textos de Vladimir Safatle sobre o medo como um afeto político. Para o autor, Freud abre, com sua teoria, a possibilidade de pensarmos afetos não como algo que diz respeito à vida individual dos sujeitos, mas como uma parte da vida social:

Freud não cansa de nos mostrar quão fundamental é uma reflexão sobre os afetos, no sentido de uma consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que funcionarão como base de sustentação geral para a adesão social (SAFATLE, 2016, p. 34).

Safatle cria um paralelo entre as relações familiares e as questões políticas, ao analisar que “O familiarismo em política pressupõe a fantasia social da família como núcleo de relações hierárquicas naturalizadas, não problemáticas, da autoridade baseada no amor e na devoção” (SAFATLE, 2021). Esta análise pode transparecer problemáticas que são inerentes ao bolsonarismo, uma vez que

É cada vez mais evidente como lutas políticas tendem a não ser mais descritas a partir de termos eminentemente políticos, como justiça, equidade, espoliação, mas através de termos emocionais, como ódio, frustração, medo, ressentimento, raiva, inveja, esperança. (SAFATLE, 2021, p. 13).

Portanto, era impossível não relacionarmos estas lutas políticas com o que observamos durante as duas semanas seguintes às eleições, a devoção cega daqueles que protestavam, o medo de andar nas ruas e as movimentações de desacordo criaram um clima de desassossego nos autores do texto.

N:Viramos à esquerda e caminhamos sob o sol por um tempo que não foi necessariamente longo, mas que pareceu durar uma eternidade. Estava muito quente e não haviam pessoas nas ruas. Observei que a movimentação era feita, em sua grande maioria, por automóveis, alguns com bandeiras presas nos capôs, outros com elas acopladas nas antenas de rádio. Reparei também que, apesar de ser um longo caminho, haviam poucas subidas e descidas; porém esse era um dos únicos pontos positivos da primeira caminhada: a avenida que tomamos não tinha árvores, era um descampado seco, iluminado e cheirando a centros automotivos, sendo que encontramos diversos deles pelo caminho.

M: Nem duas quadras para frente e eu já estava mais vermelha que a própria bandeira do PT. Podia ser uma daquelas senhoras elegantes que andam de chapéus enormes, não é? Não seria exatamente discreto pro flâner mas, pelo menos, não teria insolação e a queimadura que machucava já minha pele. E era uma rua que descia infinitamente. Realmente, nenhuma árvore para contar história. Uns pequenos coqueiros se espalhavam por uma calçada. Não eram do tipo que cresceria muito e apenas geravam uma frustração pela falta de sombras frescas e uma sensação cômica da tentativa de imitar uma vibe californiana. A Palm Springs do sertão paulista.

N:Ao ver os pequenos coqueiros foi impossível não recordar da abertura do seriado “The O.C. - Um Estranho no Paraíso”, Phantom Planet (2002) gritava na minha cabeça: “California, California, here we come”. Definitivamente não era um local silencioso, os motores e as lojas que passamos evidenciaram esse aspecto: eram estabelecimentos como farmácias, restaurantes, sorveterias, confeitarias, lojas de roupa, etc.

M: Olhando para frente tive a nítida impressão de que a qualquer momento iríamos passar por debaixo de um pontilhão com um trilho de trem. Algo sobre o ângulo em que a rua estava e a direção de onde os carros estavam vindo me remetia a uma configuração semelhante à de perto da casa onde cresci. Só podia haver um trilho do trem suspenso ali, eu precisava ir até lá para ver.

Aqui, recordamos de um chamado, quase em tom de manifesto, que Elkin faz sobre o caminhar na cidade:

Me deixem andar. Me deixem seguir em meu ritmo. Me deixem sentir a vida passar por dentro e a minha volta. Me deem emoção. Me deem esquinas em curvas inesperadas. Me deem igrejas desconcertantes, vitrines bonitas e parques onde eu possa me deitar. A cidade estimula, põe a gente andar, a se mover, a pensar, a querer, a se envolver. A cidade é a própria vida (ELKIN, 2022, p. 51).

A autora mostra como essas surpresas oferecidas pelo próprio desenho da cidade, essas emoções urbanas, constituem o que é a própria vida – a urbana, pelo menos. É o que torna a cidade interessante, caminhável; é o que traz o desejo pelo flâner. É o que aguça a criatividade e torna esse caminhar uma experiência profunda e inspiradora, pensamento que remete muito à obra de Gordon Cullen (2008).

Ao nos depararmos com o que parecia ser o fim da enorme avenida vimos uma placa que informava que o Cemitério da Saudade e a Prefeitura ficavam à direita.

M: N mencionou que nunca havia ido ao cemitério de Limeira. Eu também não. De repente bateu uma curiosidade. Será que era daqueles antigos com túmulos ornamentados? Mas a vontade de descobrir se havia mesmo o trilho do trem era maior que eu. Pedi para seguirmos até a virada onde eu acreditava ter um pontilhão. Decepção pura. Depois disso, resolvemos ir para o cemitério. Mas não pelo caminho que a placa havia indicado quadras antes. Apenas subimos uma rua aleatoriamente à direita, pois era a direção que a placa havia apontado. Alguma hora a gente encontra.

Em meio ao caminho que tomamos, recordamos do livro “A Cidade das Letras” de Ángel Rama. Percebemos que a estrutura da urbe de Limeira era estabelecida de forma reta, com quadras e ângulos, algo que o autor pontuou como uma cidade ordenada.

Nesta análise prévia que tomamos, pudemos relacionar que essa estrutura era advinda de um modelo de cidade colonizada, consequência de distribuição do espaço que era alocada em um modo de vida novo (RAMA, 2015). Esta distribuição do espaço urbano, de acordo com Rama, necessitava da transladação de uma ordem social para a realidade física, permitindo que o desenho que compunha a cidade, previsse um futuro.

A ordenação dada à cidade tinha como base um tabuleiro de dama, onde existe um

princípio reitor que funciona atrás dela e assegura um regime de transmissões: do alto para baixo, [...] da cabeça do poder à constituição física da cidade, para que a distribuição do espaço urbano assegure e conserve a forma social. [...] A ordem deve ficar estabelecida antes que a cidade exista, para impedir assim toda futura desordem, o que alude à peculiar virtude dos signos de permanecerem inalteráveis no tempo e seguir regendo a mutante vida das coisas dentro de rígidos marcos (RAMA, 2015, p. 29).

A cidade é marcada, desde o início, pela política e a ideologia daqueles que a produzem. Seu desenho engana, como toda ideologia, mas se torna a materialização de todas as decisões políticas tomadas de maneira vertical por aqueles poucos que detém o poder de decisão. Foucault (2011) argumenta que parte da produção de corpos dóceis passa pela forma de distribuição dos indivíduos no espaço. Essa maneira de disciplinar vem de diversas técnicas: 1 – através do cercamento de alguns lugares, que passam a ser fechados em si mesmos, como prisões, colégios internos, quartéis, as fábricas; 2 – o princípio do quadriculamento, que coloca cada indivíduo em um determinado lugar que conterà apenas ele, evitando agrupar pessoas no espaço, “a disciplina organiza um espaço analítico” (FOUCAULT, 2011, p. 140); 3 – o espaço deve seguir a regra das localizações funcionais, ou seja, cada espaço deve satisfazer a uma necessidade, deve ser útil e buscar a maior eficiência possível; 4 – dentro da lógica disciplinar, os elementos são intercambiáveis, e são definidos pelo lugar que se ocupam, o que faz com a unidade seja dada não pelo território ou local, mas pela posição que se ocupa na fila.

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos, individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e

indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. [...] A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas (FOUCAULT, 2011, p. 145).

Lauren Elkin também discorre sobre essa divisão simbólica da cidade. Para a autora,

As cidades são feitas de fronteiras invisíveis, de alfândegas impalpáveis que demarcam quem vai para onde: certos bairros, bares e restaurantes, parques, os mais variados espaços aparentemente públicos estão reservados para diferentes tipos de pessoas. Ficamos tão acostumados a isso que mal notamos os valores por trás dessas divisões. Podem ser invisíveis, mas determinam nossa circulação dentro da cidade (ELKIN, 2022, p. 319).

M: Subimos uma rua de casas antigas. A maioria tinha a fachada na calçada, com as janelas e portas abertas para a rua. Sentimos que estávamos nos aproximando do centro, não só porque quando olhamos no horizonte da avenida anterior havíamos visto uma paisagem que parecia muito central, mas também porque esse bairro nos dava a sensação de ser antigo por conta da arquitetura. Quase nenhum comércio por essa rua.

N: Entramos em um bairro residencial, estava claro que era uma área mais antiga da cidade, pois haviam casas que tinham aparência de “casas de avós”, com janelas e portas para a rua, apesar disso todas estavam em ótimo estado, como se tivessem passado por reformas a pouquíssimo tempo, imaginei quantas avós e avôs estavam naqueles lares, cozinhando e assistindo novelas, como meus avós ficam diariamente em sua casa. O trajeto que anteriormente havia aparentado ser tranquilo, de repente se mostrou cansativo, com pequenas subidas.

M: Uma sensação maravilhosa de bairro de vó. Resolvemos seguir reto até onde desse. A rua terminava com um paredão de casas e uma escolha: esquerda ou direita? Resolvemos seguir à direita, pois era a direção em que anteriormente havíamos visto a placa. Mas não seguimos sem reparar em um bar quase na esquina que também era barbearia e era todo trabalhado na “heterossexualidade™”: motos, rock, materiais “masculinos” (madeira, metais), tinta preta, muito vidro. A própria masculinidade frágil em forma de arquitetura. Indo reto à direita, passamos por um daqueles botecos de bairro. E logo depois encontramos o motoclub limeirense. Parece que a família tradicional limeirense chegou mesmo. Mas, do nada, árvores. MUITAS árvores! Sim, quero ir lá, sim! Sombra você disse, universo? Óbvio que quero. Obrigada pelos mimos.

N: Ao horizonte nos deparamos com árvores, um grande conjunto de árvores ao fim da rua, a curiosidade falou alto, assim como a possibilidade de encontrarmos sombra fresca para descansar por alguns minutos, este cinturão verde era um parque. O Parque da Cidade, assim denominado, se mostrava como uma área de descanso e lazer, haviam poucos garotos se divertindo na pista de skate, realizando manobras sob o sol escaldante.

M: Descobrimos que Limeira tem um parque enorme com biblioteca, ginásio e uma escola bem do lado que parecia usar todo esse complexo. Lembrou-me muito os projetos de escola-parque que havia estudado na graduação. A essa altura as águas em nossas garrafinhas já estavam perto do ponto de ebulição. Ver aquela biblioteca imensa foi uma alegria: talvez lá tenha água? Entramos. Tão fresco, tão... sem sol. Ficamos encantados, o espaço era muito amplo, arejado. Entramos pela sessão infantil e demos de cara com portas imensas que saíam em uma varanda de frente para um jardim de árvores. Vimos que a biblioteca tinha um segundo andar, mas todos os acessos estavam fechados. Demos uma olhada nos livros, nada de muito interessante.

Aqui, gostaríamos de debater sobre a sensação física do caminhar pela cidade. A arquitetura – e o urbanismo por consequência – exerce sobre nós efeitos que atingem todos os nossos sentidos. A arquitetura é feita para ser sentida com todo o corpo (PALLASMAA, 2009). Assim, os elementos do ambiente influenciam diretamente em nossa relação com o espaço.

“Nossa pele acompanha a temperatura dos espaços com precisão infalível; a sombra fresca e revigorante de uma árvore ou o calor de um lugar ao sol que nos acaricia se tornam experiências de espaço e lugar” (PALLASMAA, 2009, p. 55). Pallasmaa é um arquiteto finlandês. Para ele, o sol é visto como um carinho na pele. Em contraponto, mais acima narramos, em dois pontos distintos, o quanto o sol machucava nossa pele e tornava o caminhar pesaroso. Para Pallasmaa, a sombra é tratada como uma questão imaginativa, visual. Para nós, a sombra era alívio, o verdadeiro carinho. Eis a importância da situacionalidade. Nossa experiência latina traz o mesmo elemento natural – o sol – sob uma perspectiva completamente oposta à do arquiteto Europeu.

N:Um fato curioso que observei era que o parque possuía grades em seu redor, indicando que após certo horário provavelmente estaria fechado, me remeteu à privatização do Parque Ibirapuera em São Paulo, que apesar de ser uma área pública, foi concedido à iniciativa privada.

M:Andamos por umas cinco quadras. Observei muitos jardins na frente das casas apertadinhas e antigas. Encontramos uma praça que se parecia suspeitosamente com praças que ficam perto de cemitérios. O que é que nos dá essa impressão, afinal? Fomos muito sensitivos na andança, pois uma quadra depois da praça, lá estava ele: aquele muro branco de cemitério. No fim todos esses cemitérios antigos têm muros iguais. Ou, pelo menos, é o que parece. Eu sabia que havíamos chegado, só por causa do muro. N deu um pulinho e constatou: missão cumprida. Chegamos. Excelente. Mas... cadê a entrada?

N:O cemitério se estendia por uma enorme área e não achávamos sua entrada, o que fez com que tivéssemos que contorná-lo até uma avenida para que pudéssemos entrar.

M: Fomos dando a volta. Nunca chegava. Esses lugares não costumam ter mais de uma entrada? N fez uma piada ótima sobre o portão só aparecer para quem já morreu, no estilo plataforma “nove e três quartos” de Harry Potter – crianças dos anos 90. Alguns metros depois (ou quilômetros em minha opinião já cansada a essa altura), lá estava ela. Uma pracinha cheia de bancas de flores e árvores imensas. Nunca fiquei tão feliz de ver um cemitério. N quis entrar com o pé direito lá, só porque “vai que, né?”. Acho que se não faz bem também não faz mal, afinal até os mais céticos apelam têm medo às vezes. Entrei também, com pé direito. Mal demos dois passos para dentro e a primeira surpresa do interior: galinhas. Montes de galinhas. Porque é que tem tanta galinha em um cemitério? Que tipo de bruxaria é essa?

N:Para minha família, o terreno do cemitério é praticamente um tabu internalizado, seja através das histórias que minha tia-avó contava ou do fato de que nunca perdemos ninguém da família, o que fez com que nunca tivéssemos a necessidade de ir até um desses locais para demonstrar o pesar da perda, assim, a primeira coisa que falei para M era que deveríamos entrar no cemitério com o pé direito, credence de antigos e do interior. Me chamou a atenção a quantidade de flores de plástico que estavam caídas por cima dos túmulos, assim como a presença de galos e galinhas no interior do cemitério, talvez estivessem ali para controle de pragas como insetos.

M: Logo na entrada já nos deparamos com o que acreditamos ser os túmulos das famílias ricas da cidade. Túmulos enormes, todos de mármore, com os escritos limpíssimos. Datas bem antigas também, algumas ainda nos 1800.

N:A estrutura do cemitério se mostrou singular, da mesma forma que ocorre com os vivos, as lápides dali se estendiam por classes econômicas, dava para se notar que as famílias mais abastadas estavam próximas à entrada principal do cemitério e conforme adentramos ainda mais em seu interior, mais pobres e antigos eram os jazigos. Diversas famílias com sobrenomes europeus estavam enterradas nas caixas de mármore preto, sobrenomes italianos, poloneses, alemães e até mesmo uma família asiática estava enterrada ali. Era impossível desvencilhar da imaginação de que foram aquelas pessoas que agora não passavam de memórias para aqueles que ficaram, alguns dos jazigos não tinham mais nomes, nem datas de nascimento e falecimento, corpos esquecidos pelo tempo.

M: Fomos adentrando e, de repente, do lado esquerdo, todo um setor de túmulos de crianças. Curiosamente, todos os túmulos infantis das duas primeiras fileiras datam de períodos muito próximos, entre o fim de 1970 e meados de 1972, sendo a maioria de 1971. Ficamos pensando se havia acontecido algum surto de uma doença nesse ano. N cogitou que pudesse ser pólio. Mais para baixo, diversos mausoléus. Ali sim estavam as famílias realmente ricas. Uma quadra toda dedicada a eles. Muitos túmulos simples. Aquele túmulo de uma família japonesa que N mencionou nos chamou particular atenção. Não era dos mais simples, mas também não era daqueles escandalosos. Uma mesma pessoa que estava enterrada nele tinha duas plaquinhas diferentes com datas diferentes de nascimento e falecimento. Achamos curioso. N cogitou a possibilidade de serem aqueles problemas clássicos de documentos com datas erradas na imigração. Mas a menção principal da visita vai mesmo é para o túmulo dos Burger, pela estátua mais barrocamente colocada em um túmulo que eu já vi. Um Jesus imenso, de cobre, ajoelhado com cara de dor e sofrimento, com um cálice na mão, se apoiando em uma espécie de púlpito de mármore. Finesse estética. Curiosamente, achamos apenas dois túmulos de 2020 e 2021 (anos da pandemia).

N:Queríamos tirar fotos góticas, foi uma das formas de encarar o cemitério mais tranquilamente, rimos da possibilidade de colocar alguma música da banda Evanescence e fotografar, mas o calor impediu nossa piada emo. Saímos do cemitério rumo à rua.

Nossa experiência no cemitério foi uma da mais pura imaginação. Contar histórias para aquelas pessoas, às vezes com rostos desconhecidos, em muitas outras nem isso. É uma forma de nos aproximarmos daquelas pessoas, honrá-las, transformá-las em parte de nós mesmos. Esse é um dos aspectos mais cruciais do flâner, o despertar da imaginação, o narrar. Elkin (2022) fala muito sobre isso em seu livro. Comenta sobre como Hemingway clamava que Paris era toda sua porque ela existia em suas páginas, ou sobre como o caminhar por Londres detinha uma relação especial com a obra de Virgínia Woolf: “A cidade que ofereceu a Woolf tantos romances, contos, poemas, tanta liberdade literária e pessoal [...]” (ELKIN, 2022, p. 110), era justamente a cidade pela qual a autora caminhava criando histórias para aqueles personagens desconhecidos.

M: Precisávamos urgentemente de água gelada. Resolvemos seguir pela avenida da frente do cemitério, que leva o mesmo nome dele (Saudade). Enquanto procurávamos um lugar para comprar água, começamos a reparar que ali o clima estava muito diferente: muitos prédios com cara de anos 1990, barzinhos um atrás do outro, várias unidades do Anglo, muitas árvores, avenida larga. Definitivamente havíamos chegado a um espaço da classe média. Milhares de bandeiras do Brasil nas janelas das sacadas.

N:Uma delas com a cara do até então e futuro ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Conforme descíamos a rua encontramos uma nova forma do habitar em Limeira, claramente aquela área era valorizada, grandes edifícios residenciais, escolas particulares e uma ETEC se encontravam todas na mesma rua.

M: Encontramos uma farmácia, compramos água gelada. Apelidei a via carinhosamente de “avenida hétero”, pois todos os bares pelos quais passamos eram claramente espaços para heterossexuais (especial os homens). Passamos por um café que eu já tinha ido uma vez com meu orientador. Me senti menos perdida, havia uma memória ali.

Em dois momentos distintos da cidade, pudemos perceber um mesmo – curioso – fenômeno: espaços que nos remetiam muito à heteronormatividade. Uso de materiais muito pesados, como concreto e madeira, cores escuras e estabelecimentos com nomes que remetem à virilidade como “confraria” e “garagem”. São aspectos da arquitetura que podem ser pensados a partir de Pallasmaa:

A arquitetura sempre inventou a realidade e a cultura por meio da transformação dos contextos humanos em imagens e metáforas de vida e de ordem idealizada, em narrativas arquitetônicas fictícias. Historicamente, a arquitetura também existiu entre as dimensões cósmica e humana, a eternidade e o presente, os deuses e os mortais. Ela desempenha um papel central na criação e projeção de uma autoimagem idealizada de determinada cultura (PALLASMAA, 2013, p. 19)

Nossa percepção sobre essa estética arquitetônica é determinada pela cultura. Para nós, como pessoas LGBTQIA+, identificar espaços que se utilizem dessas características já faz com que não nos sintamos bem-vindos ali. Inferimos sobre o tipo de ambiente social que se dá ali e recuamos por segurança, remetendo à questão da vulnerabilidade trazida por Butler (2019). “O espaço não é neutro. O espaço é uma questão feminista. O espaço que ocupamos – aqui na cidade, nós habitantes da cidade – é constantemente refeito e desfeito, construído e imaginado” (ELKIN, 2022, p. 318).

M: Continuamos descendo naquele mar de edifícios classe média até que, de uma quadra para outra (ou pelo menos foi assim que eu percebi): PÁ! Centro. Nenhuma transição. Do nada um mercado que pensei que poderia ser o mercado municipal.

N: Fachadas de casas antigas tomadas por comércio começavam a aparecer e o número de pessoas nas ruas estava evidente, tudo fez sentido quando chegamos a uma rua com três óticas, olhei, ri e falei: chegamos no centro M, olha quantas óticas perto uma da outra.

M: Sim! Ruas estreitas, muitos carros, muitos pedestres, muitas óticas (como bem apontou o N). Os prédios com arquitetura eclética, bem marcante dos centros das cidades paulistas.

N: Ao adentrarmos no centro da cidade, viramos em um grande prédio que aparentava ser a prefeitura, mas que na realidade era o Fórum.

M: Logo em seguida nos encontramos em uma praça. Não entendemos muito bem a início do que se tratava o edifício dali, já que tinha algumas pinturas na lateral que poderiam facilmente se tratar de algo religioso.

N: Esta grande estrutura e pinturas refletiam o período cafeeiro de Limeira, com desenhos de cafezais e de uma maria fumaça. O prédio em questão se tratava do Teatro Municipal.

M: É uma praça bem grande, com uma gruta na qual as pessoas podiam subir. Mas a praça não teve nem chance de se mostrar para nós, pois uma briga entre 2 homens chamou nossa atenção. Eles gritavam muito um com o outro e várias pessoas estavam paradas olhando o que estava acontecendo. Logo vimos outros 2 homens sendo envolvidos na confusão. Eles estavam deitados juntos atrás de um arbusto pequeno e um dos dois homens que estavam brigando foi os agredir, tirando-os de onde estavam. Comecei a me afastar da cena, pois estávamos muito próximos, mas, quando me dei conta, N estava a menos de 2 metros dos homens brigando. Não sabia se ria ou arrastava ele dali. Optei por ir

andando pra longe e chamar baixinho meu amigo. Quando nos afastamos um pouco mais, rimos pela cena de N querendo se juntar à confusão. Notamos o fato de que a briga claramente estava implicando um casal gay. Amo essa força da natureza que é os LGBTQIA+ que sempre se acham, mesmo nas piores situações.

Lauren Elkin (2022) discorre muito em seu livro sobre o peso da história em sua vivência nas cidades, em especial em Paris. As ruas carregam muita história e isso pode ser sentido no caminhar. No momento em que estivemos na praça do teatro, nossa experiência na cidade tomou o caráter de uma fissura no tempo: a arquitetura do teatro, as pinturas que remetiam ao apogeu cafeeiro da cidade, o peso da história; e, ao mesmo tempo, uma briga entre figuras muito características de nosso tempo (homens gays dormindo de conchinha na praça, outros homens sendo violentos com eles). E esses tempos estavam ali, convivendo lado a lado, em conflito. Sendo harmonioso e não harmonioso, concomitantemente.

Gostaríamos de retomar também a discussão de Pallasmaa sobre a questão das sombras. O autor afirma: “Como as ruas de uma cidade antiga, com seus espaços alternados de escuridão e luz, são muito mais misteriosas e convidativas do que as ruas das cidades atuais, com sua iluminação tão forte e homogênea!” (PALLASMAA, 2009, p. 44). Isso nos lembra de uma discussão feita por Marandola Jr. (2020, p. 17), que advoga que “necessitamos de sombras, de mistério e refúgio, inclusive para que a alteridade seja garantida”. A população LGBTQIA+ precisa, há muitos anos, dos cantos escuros da cidade para viver sua sexualidade (GREEN, 2000; PERLONGHER, 1993), e isso continua sendo verdade até hoje: muitas conquistas depois e ainda estamos vendo dois homens gays sofrendo violência em praça pública por estarem deitados juntos “em plena luz do dia”. Eles não podem existir ali, apenas podem existir nas sombras.

N: Por fim a briga terminou em pizza. Subimos de uma praça para outra, nessa havia outra estrutura que ao lermos na placa de identificação e revitalização se tratava de um Centro Cultural, nossa curiosidade ao analisar esse prédio era de que havia em sua entrada a palavra “MENINOS” escrita, M buscou a entrada de meninas, mas não encontramos, pensei se tratar de um daqueles antigos colégios para garotos e que a entrada de garotas era vetada, curioso, pois ao passarmos ao lado do prédio consegui ver uma garota treinando dança em seu interior.

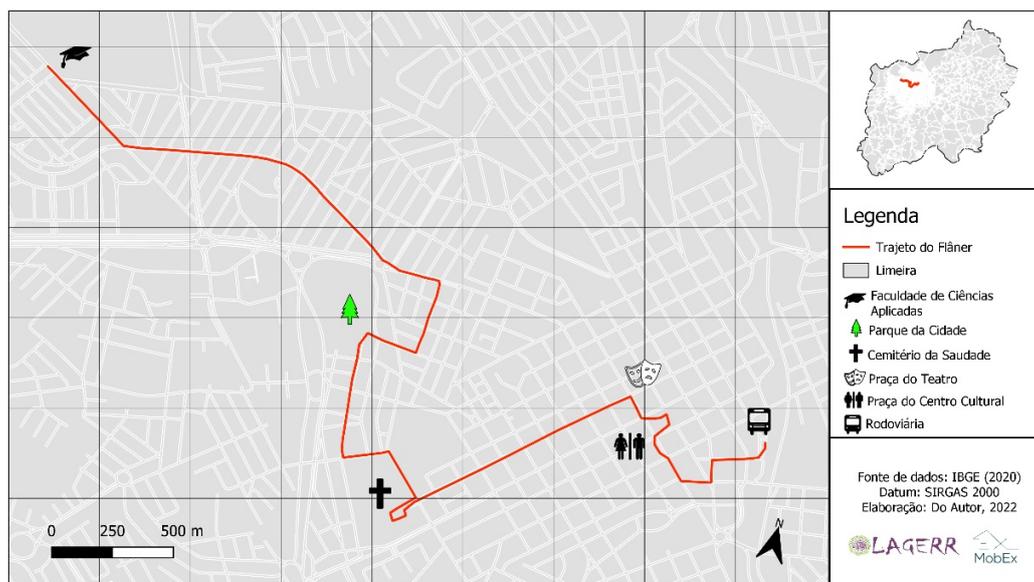
M: Não entendi qual era o ponto de escrever “meninos” se não havia outra inscrição dizendo “meninas”. Porque marcar um quando não existe o outro? Lembrei de Beauvoir (2008). Enquanto caçava a inscrição de “meninas” na fachada oposta, N tirou uma foto minha. Acho que a luz estava realmente bonita ali.

N: Tanto o conjunto arquitetônico do Teatro quanto desse Centro Cultural demonstraram ser locais de grande poderio da elite limeirense do passado.

M: Vimos uma placa com a inscrição “Palacete Tatuhiby”. Esse nome imediatamente nos chamou a atenção. Eu precisava chegar lá. Fomos seguindo na direção apontada. Eu precisava ver o palacete cujo nome se escrevia naquela grafia tão antiga. Mas duas quadras para baixo percebemos que estávamos muito próximos da rodoviária. Nosso tempo também já estava apertado, pois tínhamos um ônibus com destino a Campinas para pegar. Decidimos não perseguir meu mais novo sonho de conhecer esse palácio.

N: Aquele trânsito caótico da rodoviária e a linha férrea abaixo nos deu vontade de descer até a Estação Ferroviária, um belo prédio que havia sido revitalizado a pouco tempo, vimos um portão entreaberto e decidimos entrar, era um caminho que as pessoas criaram para atravessar entre as avenidas paralelas da linha, minha apreensão aflorou, o cheiro de urina estava forte e poucas pessoas passavam por ali, apesar

Trajeto do Flâner realizado em Limeira, Novembro 2022



de vermos um carro da polícia militar não me senti seguro, inclusive falei rindo para M que seria mais fácil apanharmos da PM do que recebermos ajuda.

M: Os trilhos ainda cortavam o tecido urbano e, atrás deles, um grande galpão abandonado. Seria ali a antiga fábrica de açúcar União que o Professor EM havia mencionado? Voltamos para a rodoviária, nos sentamos em um banco e esperamos nosso Uber.

N: Ao solicitarmos um Uber, consegui ver que a distância entre a rodoviária e a Unicamp era pouca. Entramos no carro e fomos para a FCA, voltamos para o refúgio e o alento da sombra e água gelada, conversando com amigos e descansando por pouco tempo, ainda tínhamos caminhos a percorrer até Campinas e assim seguimos.

M: Tentei me localizar pelo caminho que o carro fazia, pensando se estava perto ou longe dos caminhos que fizemos a pé. Não consegui. Mas também não queria mais. Preferia descobrir a cidade a pé. Parei de tentar. Queria apenas fechar meus olhos e os abrir só na Unicamp. Fomos conversando até lá. Quando chegamos, ela parecia um Oásis, com nossos amigos, água e sombra frescas. Até uma música por conta da semana cultural. O refúgio dos que andam.

## FLÂNERIE: TER UMA EXPERIÊNCIA?

Refletindo depois do campo sobre nossa experiência, vimos que tivemos sensações diferentes. N observou que o que poderia ser uma das grandes questões a respeito do campo, que era a sua sexualidade, não foi um fator determinante no caminhar por Limeira, uma vez que estava se comunicando apenas com M e não estava claro que se tratava de um homem gay. Havia optado por não deixar isso transparecer em pré-julgamentos, como com a escolha de não ir com shorts curto. Sendo um homem cis, também não sofreu com o peso do gênero. Porém, apesar de não ser um fator impeditivo para o caminhar, sua situacionalidade influenciou diretamente como via o espaço: ao observar alguns locais que aparentavam serem direcionados a pessoas heterossexuais, teve a impressão de que não seria bem-vindo ali, causando uma sensação de não pertencimento.

M também não sentiu tanto o peso de sua bissexualidade durante a experiência de caminhar. Em contrapartida, para ela a questão de gênero se colocou com toda sua força, já desde a própria escolha de roupa. A preocupação com possíveis assédios foi o que guiou suas decisões dentro e fora de campo. Foi apenas na reflexão posterior, durante a experiência de escrita, na qual muitas nuances aparecem, que percebeu que sua sexualidade havia de fato interferido em sua experiência urbana. A bissexualidade não trazia a sensação de completo afastamento dos lugares dos quais N se sentiu excluído, mas também não havia uma identificação completa com eles. Eles estariam acessíveis apenas às vezes, dependendo de sua companhia, se estivesse performando de acordo com a heteronormatividade. Caso contrário não iria, tanto por medo de violência quanto por medo de assédio (que vem com a objetificação e fetichização de relacionamentos sexuais entre mulheres). Claro que a privação como mulher era mais evidente, latente, explícita; mas os limites impostos por sua sexualidade estavam ali, como um detalhe nesse pano de fundo.

A experiência da flâneuse enquanto mulher bissexual e do flâneur como homem gay perpassou nossa vivência no urbano de Limeira. A observação dos autores permitiu que ambos sentissem os lugares que ali se encontravam como palcos a serem utilizados pelos atores que andavam nas ruas, mexiam nos celulares, comiam nos restaurantes, trabalhavam nos estabelecimentos e buzonavam em seus automóveis de cores neutras. A simultaneidade da experiência urbana se mostrava como um ser pulsante, perpassando as vivências, as sexualidades, os pesos dos traumas infligidos anteriormente, como uma artéria que se encarrega de transmitir o sangue para os tecidos e órgãos humanos. Somos parte dessa experiência, habitando o espaço, vivenciando a cidade e contemplando como espectadores-atores o mundo que nos cerca.

E o que significa retirar o flânerie do flâneur branco, heterossexual e Europeu? O flâner do século XIX está abertamente conectado com a multidão. Benjamin (2017) vê essa multidão como desumanização. Essa homogeneização coloca o cidadão padrão, que pode desaparecer em meio à multidão, na figura desse homem europeu. Elkin (2022) fala sobre a revolução de falar sobre a mulher que caminha apesar de sua diferença ser marcada e a fazer destoar da multidão. Pensando nisso, voltamos aqui para Butler: reivindicar flâneuses, assim como reivindicar uma flâneuse sexualizada (bissexual, lésbica, etc) ou um flâneur sexualizado (bissexual, gay, etc) é reivindicar, no fundo, o flânerie enquanto uma condição de ser-e-estar-no-mundo que é atravessada por diversas situacionalidades que são desumanizadas. E o que Butler propõe é um modo de pensar sobre a violência que recai sobre esses corpos que se destacam na multidão sem apelar para uma violência, em repúdio, que é semelhante à sofrida e nem para a morte afetiva deles. É, justamente, sair do círculo da violência. “Essa possibilidade tem a ver com reivindicar um mundo em que a vulnerabilidade do corpo seja protegida sem, por isso, ser erradicada, na insistência de sustentar a linha traçada entre esses dois termos” (BUTLER, 2019, p. 44). Humanizar é insistir em uma vulnerabilidade física “comum” a todos, o que exige – ou provoca? – uma igualdade radical.

Outro aspecto a ser analisado é a questão do conhecer Limeira: ambos autores nunca haviam caminhado pela cidade da forma que fizeram; portanto, a experiência de ambos acabou por ser inédita. Seu cotidiano se baseava nos espaços da Unicamp, bem como nos espaços ao redor do campus. Assim, foi curioso observar diferentes camadas da sociedade e da urbe da cidade espalhadas pelo caminho percorrido.

Dialogando com o trabalho de Eduardo Marandola Jr., tentamos nos colocar em situações-limite para fazer emergir, através da experiência-vivida, um conhecimento sobre a existência (MARANDOLA JR., 2020). Nossa experiência de andar por uma cidade latino-americana, como pessoas LGBTQIA+,

brasileiras, um homem e uma mulher e depois tentar comunicar, através da narrativa, parte das sensações, pode abrir possibilidades de pensar e discutir essas formas com que nossas corporeidades podem habitar – e habitam – o mundo.

Ao nos colocarmos disponíveis a essa experiência de caminhar a esmo por Limeira, sem conhecer nada sobre a cidade e sua espacialização, descobrimos uma cidade familiar, organizada de tal maneira que nos lembrou a experiência de outras cidades pelas quais passamos (Sorocaba, Salto, Itu). Tudo conflui para o centro, leva até ele, apesar das pequenas centralidades outras como a Avenida da Saudade, por exemplo, ou até mesmo o bairro próximo à Unicamp. Esses lugares – se tornaram lugares para nós – proporcionam tudo para que o deslocamento até o centro não seja necessário, mas, mesmo assim, a cidade ainda vai até ele.

É uma cidade em que a negação do público é explícita. O parque da cidade, sua biblioteca e a maior parte das ruas estavam completamente vazios. Isso pode se confundir com a própria negação da alteridade, já que as pessoas não se colocam em situações nas quais possam ter contato com o diferente, onde podem ser desestabilizados pelo Outro (LIMA, 2020). Numa radicalização desse pensamento, podemos questionar, a partir de Butler (2019), se essa recusa do Outro poderia evidenciar uma recusa de si mesmos.

Outra síntese possível a partir dessas duas experiências – o caminhar e o escrever (MARANDOLA JR., 2016) – é a de que Lauren Elkin, em seu manifesto pelo caminhar na cidade para se sentir em casa, dialogou profundamente conosco em todos os momentos. Sentimos que pudemos conhecer uma das muitas limeiras (MARANDOLA JR., 2008) de maneira privilegiada, com nossos pés. Depois, ao escrever esse artigo, lembramos aquela experiência com carinho, com a vontade de a repetir (desde que seja em um dia mais ameno ou melhor equipados contra o sol escaldante), explorar novos espaços ou revisitar os que fomos. Limeira se tornou um lugar para nós. Mas percebemos que esse apego emocional que criamos com a cidade veio, diversas vezes, pelas pessoas. Foi na relação com o Outro, no nos abrir para o Outro (imaginando a vida dos mortos no cemitério ou assistindo e quase participando de uma briga na praça do centro), que pudemos realmente significar a cidade.

Habitar urbano, como experiência: incompletude, imanência, ir de encontro, ser atropelado. Habitar a precariedade da existência, o limite, mas também o ordinário, no qual o encontro e o ser invadido pelo Outro, em sua abertura e multiplicidade, é possibilidade, mas está longe de ser uma normatividade dada e presente constantemente (MARANDOLA JR., 2020, p. 38).

Por fim, pudemos perceber muito bem o significado de uma passagem de Elkin, em que ela, falando de Virgínia Woolf, diz que “existe uma percepção da cidade que não se pode apreender num mapa ou num celular. É uma relação intensa, encarnada, com sua atmosfera, que Woolf confere a Clarissa Dalloway [...]” (ELKIN, 2022, p. 100). Essa atmosfera só pode ser realmente apreendida quando caminhamos. A riqueza dos detalhes, a imaginação que voa quando se vê todos aqueles corpos ocupando o espaço e que nos levam imediatamente a criar histórias para eles. Isso só se dá no tempo do caminhar. O carro acelera o tempo. Aqueles que poderiam se render histórias em nossas mentes, tornam-se um transtorno, atrapalham o trânsito. A escala do detalhe, uma pintura pequena em um edifício, uma pedra solta no calçamento, os cheiros. Tudo isso só se vê quando andamos, no demorar-se (MARANDOLA JR., 2020). E, por isso, tivemos uma conexão muito diferente com Limeira, que jamais imaginamos que teríamos.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. D. O segundo sexo. 1a edição ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Baudelaire e a modernidade. Tradução: João Barrento. 1a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BIONDILLO, Rosana. Walter Benjamin e os caminhos do flâneur. São Paulo: UNIFESP, 13 maio 2014.
- BUTLER, Judith. Vida Precária: Os Poderes Do Luto e Da Violência. Belo Horizonte: Autentica, 2019.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. 1a edição ed. [s.l.] Edições 70, 2008.
- ELKIN, Lauren. Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. 1a edição ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2011.
- G1. Eleições em Limeira (SP): Veja como foi a votação no 2o turno. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2022/10/31/eleicoes-em-limeira-sp-veja-como-foi-a-votacao-no-2o-turno.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- GREEN, James. N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HUSSERL, Edmund. A Reversão da Doutrina Copernicana. A arca-originária Terra não se move. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 11, n. 1, p. 387–408, 19 jul. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/ek.2022.64538>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- LIMA, Jamille. DA S. Metafenomenologia da alteridade: por uma significação ética da pesquisa geográfica. Geograficidade, v. 10, n. Especial, p. 169–182, 6 out. 2020.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. Caderno Prudentino de Geografia, v. 2, n. 42, p. 10–43, 1 jul. 2020. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7881>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Mapeando “londrinas”: imaginário e experiência urbana. GEOGRAFIA, v. 33, n. 1, p. 103–126, 16 out. 2008.
- MARANDOLA JR., Eduardo. O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 22, n. 2, p. 140–147, dez. 2016.
- MESSEDER, Suely. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, H. B. DE; VAREJÃO, A. (Eds.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020.
- PALLASMAA, Juhani. A Imagem Corporificada: Imaginação e Imaginário na Arquitetura. Tradução: Alexandre Salvaterra. 1a edição ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- PALLASMAA, Juhani. Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.
- PERLONGHER, Nestor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 8, n. 22, jun. 1993.
- Phantom Planet - California., 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wq-S8CIU7VA>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- RAMA, Ángel. A cidade das letras. Tradução: Emir Sader. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- REDAÇÃO, Da. Limeira teve carreatas e manifestações no TG contra resultado das eleições. Diário de Justiça, 15 nov. 2022. Disponível em: <<https://diariodejustica.com.br/limeira-teve-carreatas-e-manifestacoes-no-tg-contra-resultado-das-eleicoes/>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. Em: JUNIOR, Nelson. DA S.; DUNKER, Christian.; SAFATLE, Vladimir. (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 1a edição ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.
- SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2a edição revista ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.